

OS DOZE ELOS E OS SEIS REINOS NA VIDA COTIDIANA

RETIRO EM RECIFE/ PE 23/06/2005 (CD Faixa 4)

Lama Padma Samten nos introduz às várias abordagens sobre os doze elos, os seis reinos; e aos aspectos da Mandala:

Introdução aos aspectos da Mandala:

Na Linhagem Theravada ou Hinayana.....	01
Na Linhagem Vajrayana ou veículo do diamante.....	02
Na Linhagem Mahayana ou grande veículo.....	02 e 03
Na mandala da Lucidez/ o Surgimento do caminho Mahayana.....	03
Os Doze Elos nas várias linhagens e no Prajanaparamita (operacionalidade dos doze elos, dos seis reinos, dos três animais e dos cinco skandas.....	04
O que acontece quando começamos a olhar dentro.....	06
Exemplo de um relato/ objetos sensoriais e as mentes relacionadas à eles.....	09
Avidya / sexto / sétimo e os demais elos....	10
Linhagem Dzogchen.....	14
Os seis reinos.....	15

Os Aspectos Da Mandala

O nosso tema hoje à tarde está ligado ao carma, à psicologia budista e ao entendimento de como as coisas se complicaram; como se estabeleceram como estão estabelecidas. Portanto falarei sobre os doze elos, os seis reinos, sobre os três animais; como as coisas se estruturam e como elas podem ser dissolvidas.

Nós estamos dentro de um conjunto de palestras. Um conjunto de atividades no qual estou repassando os vários ensinamentos budistas. Começamos ontem com as Quatro Nobres Verdades, com o Nobre Caminho de Oito Passos, passamos pelos três animais, pelas situações que vamos chamar de experiência cíclica, insatisfação, dukha, sofrimento; fomos olhando isto. E hoje de manhã, nós recuamos, olhamos de forma mais básica ainda: olhamos como acolher as pessoas dentro do caminho, qual é a linha que seguimos. Como estruturamos isto e, especialmente, como podemos fazer um trabalho de modo público, não esperamos que as pessoas entrem pela porta, mas nós nos aproximamos delas para ajudá-las. Essa foi a abordagem de hoje de manhã.

Agora à tarde avançaremos um pouco mais na compreensão de como que as situações surgem e se estruturam. Isto equivale ao estudo dos Doze Elos da Originação Interdependente, seria como uma extensão da segunda das Quatro Nobres Verdades que trata das causas do sofrimento. Vamos olhar como que estas causas, ainda que sejam artificiais, são montadas, como se estruturam.

Naturalmente, todos os ensinamentos podem ter vários níveis de abordagem. Começarei falando sobre eles. Porque esta questão está presente em todos os ensinamentos, portanto nunca pensem que vocês estão olhando um ensinamento introdutório. Podemos olhar um ensinamento introdutório de uma forma muito profunda, não importa qual o ensinamento ou a situação que estamos vivendo, nós podemos sempre olhá-las de uma forma muito profunda.

Começarei lembrando, em um sentido geral, os próprios ensinamentos do Buda.

Quando o Buda falou se estabeleceu a linhagem dos antigos, que chamamos de Theravada, também chamada de Hinayana, que é como se fosse o caminho estreito, no qual, essencialmente, o

método de que se dispõe é o método da disciplina, o método da moralidade. Em um certo sentido, penosa. Hoje de manhã estava abordando este ponto, e lembrando que, a partir da sabedoria das paisagens, da noção de mandala, nós podemos ver a moralidade como algo natural, sem esforço. Mas dentro da abordagem Theravada, é como se tivéssemos sempre que fazer esforços, de cultivar a moralidade. Isto porque é como que se as pessoas nunca estivessem na mandala correta, como que se elas estivessem na experiência de mundo. Na experiência de mundo nós temos os impulsos nas várias direções, porém nós vimos que há meios hábeis e, entre eles está a prática da mandala. No caso da linhagem Vajrayana, todos os ensinamentos vão trabalhar com a noção de mandala, mas de modo geral não será explícito. Ninguém explica a noção de mandala, mas a grande diferença entre funcionar ou não o Vajrayana é se estamos operando dentro da mandala ou fora. Se estivermos operando fora a nossa chance é mínima, podemos recitar mantras por vidas que não fará grande diferença. Mas se conseguirmos entender a mandala e vivermos dentro dela, isto realmente fará toda a diferença.

Nos ensinamentos Mahayana, esta mandala se desenha a partir da noção da vacuidade, da noção de realidade. Quando desenvolvemos lucidez, esta lucidez descortina a mandala das coisas como são. Então, olhamos o mundo e a realidade das coisas como elas são, e, se realmente conseguimos ter esta visão, então o mundo surge como ele é. Esta experiência de estarmos no mundo como ele é, isto é a mandala.

No Vajrayana, de modo geral, a mandala é construída. Ela é artificialmente construída, ela vem como um remédio. Se, estou numa situação aflitiva, então faço uma prática: das seis e meia às sete e meia faço uma prática onde digo as preces, as orações, os mantras e me visualizo dentro da mandala, então às oito horas termino a prática e vou embora para o mundo real. Mas não é o mundo real. Na verdade, podemos ter esta noção de que quando fazemos a prática criamos um mundo artificial e quando vamos para o mundo, este é o mundo real, mas esta não é a perspectiva correta. A perspectiva correta é a de que, quando faço a prática estou no mundo real e quando ponho o sapato, saio da sala e vou para o mundo, este é o mundo de sonho, o mundo construído, mas de modo geral, não temos esta compreensão.

No Mahayana, quando vamos lentamente descortinando a visão, terminamos olhando o mundo verdadeiro como tal. Então dizemos: nós encontramos a mandala natural, a mandala não construída; nós encontramos o mundo como ele verdadeiramente é.

Se eu sinto o mundo como ele verdadeiramente é, dentro de mim surge a noção de cultura de paz, como estávamos descrevendo hoje pela manhã. Ou seja, desenvolveremos, naturalmente, relações positivas com as pessoas. Considero que este é um diferencial do ensinamento budista em relação às outras tradições, porque é a única tradição que conheço que vai dizer que nós somos naturalmente bons, e que o mundo é naturalmente bom, desde que olhemos com os olhos naturalmente claros.

Não há na visão budista, a noção de que preciso fazer um grande esforço, de que preciso derrotar o mundo como ele é para construir um mundo diferente. É um trabalho (visão) maravilhoso porque vamos percebendo que precisamos retirar o engano. Quando retiramos o engano, as coisas vão aparecendo como são e, quando elas aparecem como tal, nos vemos além de vida e morte, vemos a realidade toda de uma forma que nem suspeitamos a partir dos olhos comuns. É como que se eu estivesse dentro de uma sala de cinema e meu vizinho de assento começasse a chorar, estamos vendo Titanic, e digo a ele: *Não precisa chorar*, e ele diz: *Como não? Estão morrendo ali...* E aquilo parece real, realmente. Nós temos este sentido assim, quando estamos do lado de fora, é como se tivéssemos no filme. Mas quando termina a sessão, acende a luz e nós saímos; há um corte em relação à realidade anterior que estávamos vivendo, tudo aquilo que estávamos vivendo se desfaz, não tem mais sentido. E havia uma realidade, realmente, muito maior que nunca foi suspensa, nunca deixou de existir (ela estava latente).

Mas enquanto eu olho, o meu foco me leva a viver uma realidade artificialmente construída, e quando estou dentro desta realidade artificialmente construída, ela é inteiramente sólida. Ela me parece

sólida, sou capaz de argumentar, conversar com as pessoas, apontar; aquilo se torna real, eu aspiro, tenho emoções em função daquilo.

Ter a lucidez da mandala da realidade significa que nós estamos no filme mas nós não perdemos a consciência do mundo como ele é, podemos nos mover, conversar no meio das situações comuns, mas não perdemos a noção. Isto é o aspecto de mandala. Nós buscamos isto.

Acho particularmente encantador o fato de que nós não precisamos grandes batalhas, nem derrotar ninguém, não há um centro do mal. Não é como Guerra nas Estrelas, como Matrix, ou seja o que for assim. Eu não tenho que lutar contra alguém que é maior e que tem uma intenção negativa, senão, algo muito grave vai acontecer. Não importa quantos navios afundem, quantas pessoas morram no filme, ninguém morre do lado de fora.

Na Mandala de Lucidez/ O surgimento do caminho Mahayana

A realidade maior é naturalmente ampla e livre das coisas menores, este é o ponto fundamental. Na perspectiva budista nós não vamos vencer porque nos transformamos em soldados, treinamos lutas marciais e somos capazes de dar golpes à distância. Nós não vamos precisar de nada disto, o nosso inimigo é a nossa ignorância. Quando ultrapassamos a ignorância, ultrapassamos o engano, a visão equivocada. É certo que, apesar de eu explicar isto, pode ser que vocês não entendam imediatamente. Mas é importante que vocês entendam que esta é a estrutura, mesmo que vocês não entendam o conteúdo, isto é o que vamos fazer, é nesta direção que estamos indo.

Então, quando nós vamos olhando os ensinamentos do Buda, nós vamos indo nesta direção, na direção da lucidez. Nós vamos tentar entrar nesta mandala muito ampla, este é o ponto final, mas nós vamos sair do ponto no qual nós estivermos, de onde pudermos. Então vem o Buda e dá ensinamentos, e quando isto acontece, as palavras dele dizem uma coisa, mas ele não fala apenas com as palavras, ele dá vários ensinamentos simultaneamente, dependendo dos olhos de quem ouve.

Quando o Buda fala, ele vai falar as Quatro Nobres Verdades, o Nobre Caminho de Oito Passos, mas todos estes ensinamentos podem ser vistos a partir de vários níveis de profundidade, de várias formas. A própria manifestação do Buda diante das pessoas, levou um tempo para elas entenderem um único ensinamento muito profundo do Buda. Por exemplo, ele era um Arhat completo, estava completamente livre das circunstâncias do mundo. E o que ele fazia? Ele andava de cidade em cidade, lugarejo em lugarejo, ensinando e ajudando as pessoas. Levou um tempo para as pessoas se darem conta que o ensinamento mais importante que o Buda estava dando não era o conteúdo do que ele estava falando, mas o fato de que ele estava falando para as pessoas, o fato de que ele manifestava compaixão.

Este é o ensinamento muito importante que diz: a partir da lucidez completa brota uma compaixão completa. Lucidez e compaixão vêm juntas e, a partir desta interpretação, desta visão, surge o caminho Mahayana. O caminho que diz assim: o foco central, o aspecto principal é nós trazermos benefício aos seres, nós copiarmos o Buda não só nas palavras, mas copiarmos o Buda na atitude de interesse pelos outros seres. Isto é extraordinário. Então, passou um bom tempo e as pessoas descobriram coisas mais profundas ainda, descobriram que o Buda não só manifestava compaixão, mas ele falava naturalmente a verdade sem nenhum esforço, ou seja, diante das pessoas ele manifestava a natureza completa de liberdade, lucidez completa. Diante de todos ele estava dando ensinamentos de como cada um poderia manifestar a liberdade e a lucidez completa.

Este é um aspecto muito profundo. Diante das pessoas ele manifestava o Buda primordial, o Buda que não tinha corpo, o Buda que estava além de nascimento e morte. E assim trouxe a visão Mahayana absoluta, trouxe a visão Mahamudra e a visão Mahasandhi, trouxe os ensinamentos mais profundos.

Então, o que havia de mais importante na ação do Buda já não era propriamente a compaixão que ele manifestava e nem o fato de que ele dava ensinamentos e dizia coisas para as pessoas, mas o fato de que onde ele estava ele manifestava a perfeição da conexão com a natureza última. Isto é extraordinário, estarmos diante de alguém que é capaz de ter esta conexão de modo incessante, como o Buda. Estes são níveis de ensinamentos dentro de um único ensinamento. Daquele grupo, alguns viram os ensinamentos Hinayana, as palavras, guardaram todas as palavras; outros viram a compaixão; outros viram a natureza de Buda se manifestando. É maravilhoso entendermos que estes ensinamentos existem em vários níveis.

Os Doze Elos nas várias linhagens e no Prajanaparamita

Quando o Buda atingiu a iluminação, na manhã seguinte ele se perguntou: *“Como que os seres que têm a mesma natureza de Buda se atrapalharam, a ponto de agir a partir do carma e ficarem na situação difícil da impermanência, da experiência cíclica que eles vivem hoje?”* Então, o próprio Buda perguntou para si mesmo e respondeu. Ou seja, como ele se perguntou e tinha acesso à compreensão, ele imediatamente compreendeu que isto se deu e se sustenta através de doze etapas, que são os Doze Elos da Originação Interdependente.

Estas doze etapas nos apontam como que uma natureza livre pode repentinamente surgir como um ser dos infernos, como um ser carente faminto, ou como um ser em corpo de animal, ou no reino dos seres humanos, no reino dos seres invejosos, semi-deuses e também dos deuses da forma e não-forma. Então, o Buda entendeu perfeitamente como que através de doze etapas as pessoas se conectam com estes âmbitos fantasmagóricos, com estas classes de realidades.

Vou falar um pouco sobre isto hoje, só que não vou começar no primeiro elo, vou começar no sexto elo, na passagem do quinto par o sexto elo. E depois vou descrever um pouco como se dá esta estrutura de formação interna e como que os reinos surgem e se tornam realidades, e como que nós respondemos a estas realidades de forma automatizada. Nosso objetivo hoje é este, estudar estes níveis de realidade nos seis reinos e entendermos como que estas situações ocorreram e como que podemos dissolver isto.

Estes ensinamentos dos doze elos também podem ser oferecidos em muitos diferentes níveis. Vou oferecer os ensinamentos dentro da visão de Nagarjuna, ou seja, dentro da visão da vacuidade, dentro da visão do Prajanaparamita (que também são ensinamentos da vacuidade). Vocês verão que estes ensinamentos também podem ser oferecidos dentro da visão Hinayana.

Na visão Hinayana, quando falamos dos doze elos nós damos realidade a eles, damos consistência, damos solidez a estes doze elos. É como se efetivamente nós disséssemos: *“A ignorância produz as marcas mentais, as marcas mentais produzem as consciências ...”* Até existe uma fórmula que se diz assim: *“A ignorância estando presente produz as marcas mentais, as marcas mentais estando presentes produzem as consciências, as consciências estando presentes produzem o vir a ser, o vir a ser se manifestando produz os corpos, os corpos estando presentes produzem o contato, o contato ocorrendo produz as sensações, as sensações ocorrendo produzem o apego, o apego ocorrendo produz os resultados, os resultados ocorrendo produzem o nascimento, o nascimento ocorrendo produz as circunstâncias de vida, as circunstâncias de vida ocorrendo inevitavelmente acarretam a morte”*.

Então todos nós entendemos que temos ignorância, portanto, inevitavelmente nós temos estruturas mentais, consciências, etc, e estamos fuzilados, aguardando o décimo segundo elo, a morte. Se isto resolvesse, tudo bem, mas isto não resolve porque após a morte retornamos e continua tudo. Então estamos presos dentro da experiência cíclica. Isto é experiência cíclica, e estamos presos dentro disto.

Quando olhamos deste modo, é como se disséssemos assim: *“Você tem a culpa de ser ignorante, portanto isto gerou as marcas mentais; você tem a culpa de ter as marcas mentais, portanto você tem as consciências condicionadas; você tem a culpa de ter as consciências, portanto inevitavelmente você tem o vir a ser”*... Esta é a visão Hinayana, ou seja, você está cheio de problemas, e esta é a sua substância.

Já na visão da vacuidade do Prajnaparamita vamos dizer que a ignorância é vacuidade, as marcas mentais são vacuidade, as consciências são vacuidade, o vir a ser é vacuidade, os corpos são vacuidades, o contato é vacuidade, as sensações são vacuidade, os apegos são vacuidade, os resultados são vacuidade, os nascimentos são vacuidade, as circunstâncias de vida são vacuidade e a morte é vacuidade, e, portanto, a liberação é possível, você não está preso verdadeiramente.

Então, entre as duas formas de explicar, uma que não tem solução e a outra que tem, vou optar... Por exemplo, entre um médico que diz: *“Você vai morrer semana que vem”* e um outro que diz: *“Você vai viver dez anos”*, vou dizer: *“Olha, prefiro este outro!”*

A visão da vacuidade é muito mais sofisticada. É assim: quando ouvimos um ensinamento Hinayana sobre as Quatro Nobres Verdades, ele diz: *“A Primeira Nobre Verdade é a do sofrimento, você está no sofrimento, está entendendo? Você está fuzilado, não tem chance. Eu vou explicar o porquê: porque você tem ignorância, tem as marcas mentais, etc. Você nasceu para as circunstâncias de vida, portanto morte e sofrimento e depois da morte não estão resolvidos, porque você vai retornar, e aí segue. Depois da morte, antes de retornar, nem queira saber o que vai acontecer! A situação é grave, você vai ser julgado, eventualmente vai para os infernos, depois pode renascer com um corpo peludo, quatro patas e um rabo. E a desgraça segue.”*

Felizmente surge a visão Mahayana, surgem os Budas que vão falar sobre a vacuidade, o próprio Buda Shakyamuni fala sobre isto. Estes ensinamentos estão preservados, o Buda foi ao Pico dos Abutres e disse: *“Para todos os abutres e para todos os seres humanos eu devo falar que:”* Aí ele fala sobre a vacuidade. O Prajnaparamita se descortina no Pico dos Abutres, então esta realidade não é sólida como nós pensamos. Para não deixar isto conflituoso ou sem base, poderia dizer para vocês olharem os sofrimentos do passado. Imaginem situações em que vocês perderam a namorada, o emprego, ou uma situação em que morreu alguém, ou que vocês foram despejados de algum lugar. Quando vocês olham para isto vocês dizem: *“Eu sofri muito por isto, foi um sofrimento”*. E perguntamos: e isto se resolveu? Você retomou o emprego, a namorada, a pessoa renasceu, e tudo se resolveu? Vamos dizer “NÃO”. E o sofrimento segue? Vamos dizer “NÃO”.

Então vemos que o sofrimento pode se extinguir mesmo que as coisas não mudem. O sofrimento não é tão simples, não é algo que dependa completamente das coisas porque a nossa própria experiência não-lúcida, nossa experiência comum do mundo, ela já aponta para estas liberdades. Na verdade vocês vão ver com o tempo que não há nada do caminho espiritual que nós já não estejamos experimentando de algum modo, só que nós não estamos nos dando conta. As liberdades sobre as quais o caminho espiritual vai falar já estão todas presentes, só que não usamos elas como liberdades, usamos-las de forma aleatória, sem consciência e, portanto, não podemos usar isto como um instrumento. Nós apenas vamos ter consciência, vamos nos dar conta, daquilo que é real e já está operando, este é o caminho budista.

Vamos ver que essa noção de que nós tínhamos um sofrimento objetivo (e ainda que a objetividade daquilo siga e o sofrimento tenha cessado), isto é um traço, um reflexo que nos permite, pelo menos, desconfiar da vacuidade. A vacuidade existe porque o sofrimento não é objetivo, ele não é dependente das causas do processo causal, como nós imaginamos que ele seja. Como todo o processo dos doze elos não é sólido, ele tem liberdades. Em tudo isto nós temos liberdades.

Neste ponto deste caminho da lucidez, vamos nos dando conta destes recursos todos que estão disponíveis. Todos estes recursos podem ser utilizados, eles estão ali, nos damos conta disto.

Explico tudo isto para que possamos entender este argumento que dei, de que temos vários níveis de ensinamentos. Com isto, também estou dizendo que, quando vocês lerem sobre os doze elos,

procurem ver qual a abordagem que está sendo oferecida. Todas as abordagens são úteis dentro de algum contexto. Mas a que vou utilizar com vocês é a do Prajnaparamita, da vacuidade, na qual os doze elos não são sólidos.

Se quiserem uma fonte bibliográfica para isto, vocês vão encontrar o próprio Prajnaparamita, onde se diz: *“Na vacuidade não há ignorância nem extinção da ignorância, nem os elos subsequentes até a velhice e morte e extinção da velhice e morte.”* Trabalhamos diretamente com isto, não há solidez neste processo. Mas o fato de que não há solidez não quer dizer que isto não esteja operando, pois podemos ter isto operando.

Agora vou falar sobre a operacionalidade deste processo, destes doze elos, como é que isto funciona, como é que produz resultados e como que ficamos presos e, a partir disto, criamos os seis reinos, os três animais, as várias circunstâncias, os cinco skandas e operamos presos a este processo todo, e como que podemos ultrapassar isto.

Então, no dia de amanhã, vamos trabalhar no quadro dos duzentos e quarenta itens. Vamos além do que vamos ver hoje. Hoje estamos vendo, em geral, os seis reinos que correspondem às seis emoções: o orgulho, a inveja, o desejo / apego, a ignorância, a aquisitividade e raiva / medo.

Nós temos estas seis qualidades que correspondem aos seis reinos. Amanhã veremos como tudo isto está operando dentro de nossas vidas, e como que podemos desenraizar isto com o uso do Prajnaparamita, este é o objetivo. Amanhã faremos este processo que chamamos de meditação de purificação.

Feita esta introdução, começarei a explicar este método, mas antes disto ainda vou dizer algumas palavras sobre o próprio método, ou seja, a introdução vai um pouquinho mais adiante.

Nós vamos usar um método especial dentro desta noção do Prajnaparamita e da vacuidade. O método especial é a própria meditação. Nós contemplamos a nossa operação mental, a meditação tem esta habilidade. Nós sentamos em silêncio e podemos perceber o que vai acontecendo dentro, podemos ver como que o nosso mundo mental segue, como que ele se manifesta, o que está ocorrendo dentro.

Este é um método básico que vamos utilizar. Por exemplo, se as pessoas não forem capazes de meditar, este método não vai ajudar muito. Se tivermos muita intranquilidade mental nós não teremos um foco na nossa mente, pois olharemos para algo e logo nos dispersaremos, perderemos o foco. Assim, não conseguiremos avançar dentro da contemplação interna e, portanto, este método já não vai funcionar muito bem para nós caso não tenhamos um mínimo de tranquilidade e sejamos capazes de olhar para dentro.

Este método que vamos utilizar será a nossa vantagem, se conseguirmos. Vamos entender que é como se fosse um portal. Se as pessoas conseguirem cruzar este portal elas vão adiante. Se não, se elas tiverem muita intranquilidade na mente, elas não conseguem observar internamente, elas não tem como passar deste ponto. Elas ficam trancadas até que juntem méritos, juntem habilidades para poder cruzar por isto. Neste caso é preferível que a pessoa desenvolva a visão Hinayana, onde ela, mesmo sem compreender a vacuidade, toma os ensinamentos como recomendações de alguém muito amigo. Mesmo que a pessoa não entenda ela tenta fazer aquilo, mesmo que dentro dela brote carma que a conduza a impulsos em outras direções. Mesmo assim ela faz esforços e tenta, porque ela mesma não é capaz de entender. Ela tem a mente muito aleatória, muito agitada e não consegue olhar dentro, não consegue lembrar, há uma barreira.

O que acontece quando começamos a olhar dentro

Agora vou explicar o que acontece quando começamos a olhar para dentro, este é o teor do ensinamento de hoje, o que iremos ver.

Começarei no sexto elo porque é o elo que nos toca mais a nível pessoal. Quer dizer, a pessoa surge com um corpo justamente neste sexto elo. No quinto elo o corpo se forma, no sexto elo ele começa a operar. Na visão budista, isto algumas vezes é comparado a um feixe de luz atravessando um cristal.

Começarei falando justamente sobre este ensinamento do feixe de luz atravessando o cristal. Algumas linhagens budistas utilizam cristais expostos à luz, para que lembremos disto. Vocês podem ter uma correntinha e um cristalzinho para sempre lembrar. Ou seja, a forma do cristal, o conteúdo do cristal, o fato de ele ser translúcido ou colorido vai definir a aparência que a luz tem depois de passar.

Temos a luz não perturbada pelo cristal e temos a luz depois que ela passou pelo cristal. Ela fica com as propriedades do cristal. Este é um símbolo, um aspecto que vocês podem lembrar. Como estava falando no primeiro dia, falando em como que lembramos dos ensinamentos, quatro disto, três daquilo, etc. Este é mais um, o ensinamento da luz que atravessa o cristal.

E, enquanto nós olhamos este fato, agora vou explicar a luz atravessando o nosso corpo.

Nós temos a luz natural livre. Esta é a luz da consciência, da nossa lucidez natural de compreensão, mas esta luz, quando nós nos conectamos ao corpo, ela se filtra por meio dos órgãos físicos. Então ela vai se deformando.

Esta luz se deforma no seguinte sentido: quando olho as coisas, ou seja, utilizo os olhos para ver, nem me dou conta, por exemplo, de que não vejo toda a luz que está presente neste ambiente, só vejo a luz que está numa faixa de frequências: a seis mil e quinhentos angstroms, que é a luz vermelha; e até a luz azul e violeta. Ou seja, não temos como ver abaixo de seis mil e quinhentos angstroms, meus olhos não captam, também não tenho como ver a radiação com frequência maior, acima do violeta. Porém, eu não vejo que não vejo, e aí começa a complicação porque minha cognição fica limitada ao que eu vejo, não me dou conta de que não vejo e aquilo que não vejo "não existe", aí começa a deformação. Também não ouço acima de uma certa frequência e nem abaixo de uma certa frequência. Mas não vejo que não ouço, ou seja, não me dou conta de que não ouço. Vejo só a luz visível, só ouço o som audível, mas eu não tenho nenhum mecanismo de registrar o que não estou vendo.

Os cinco sentidos físicos são portas que me oferecem visões, mas eles não me alertam para o que não vejo. O mundo que vejo é um mundo naturalmente mais estreito do que as coisas que podem estar presentes. Hoje nós sabemos disto, desenvolvemos aparelhos que vêem infra-vermelho, ultra-violeta, que escutam ondas de rádio, que escutam ou vêem raios X, raios gama, frequências impensáveis.

Hoje nós vemos elétrons, coisas que nós não teríamos capacidade de olhar se não fosse através de aparelhos. Desenvolvemos uma grande habilidade nestes aspectos todos. Mas percebam: os meios de ligação com o ambiente são olhos e os olhos ampliados através de aparelhos; são os ouvidos e os ouvidos ampliados. Essencialmente estas são as portas que estamos usando. Eventualmente podemos dizer que a análise química é um paladar ampliado. Mas não conseguimos ir muito adiante disto, aí podemos imaginar que poderia haver outros sentidos físicos, mas nós estamos limitados a olhos e ouvidos. Notem que está tudo pertinho na face: nariz, paladar, olhos, ouvidos, tudo está aqui. Filtrando o alimento eu olho, cheiro, ouço, pego, provo, tudo completamente ligado à sustentação do corpo, os olhos já estão em cima do que vou comer. Todo um mecanismo de proteção. Uma boa razão para ser assim. Mas podemos imaginar que estes instrumentos são completamente limitados, se quisermos olhar verdadeiramente para o mundo.

Depois temos a limitação do sexto sentido que é dito o sentido abstrato, sentido cognitivo. Por exemplo, a crosta terrestre mudou muito pouco desde a idade da pedra, as pedras são as pedras. Essencialmente não há grande mudança. Vinte ou dez mil anos atrás não é um grande tempo, geologicamente falando, mas a concepção de realidade material mudou completamente nestes vinte, dez, mil, quinhentos, cem mil anos. Ela tem mudado abruptamente. Muda porque o nosso processo cognitivo mudou. Mesmo com relação ao cosmos, as pessoas olhavam e tinham muitas diferentes visões do que eram os planetas, as estrelas, o que era a abóbada celeste, o que era o planeta Terra. Isto

tem mudado constantemente, mas não porque a Terra saltou de órbita, não porque o Sol teve uma explosão. Isto mudou porque as nossas concepções, o nosso aspecto abstrato mudou, a nossa estrutura de observação abstrata mudou. Os cientistas constantemente descobrem novas coisas, elaboram novas coisas, não é que aquilo não pudesse ser visto a vinte mil anos atrás. Agora, quando olhamos vinte mil anos atrás nos dizemos: *“O sol estava lá, as estrelas estavam lá os cometas estavam lá, mas não falávamos disto, não dávamos esta interpretação”*. Vamos percebendo que as nossas concepções são fundamentais. Então, surgem os filósofos ocidentais, que, da mesma forma que os filósofos orientais, especialmente os budistas, vão estudar o fato de que o que nós vemos diante de nós com nosso olhos, ouvidos, nariz, língua, tato, está na dependência das concepções que operam dentro da mente. O próprio aspecto objetivo diante de nós depende das concepções com que estamos operando.

Neste sentido vamos perceber que, quando começamos a operar dentro de um corpo, estamos limitados em vários níveis.

Isto significa que a luz livre da consciência passa a operar sob as condições do corpo e as condições da mente. Operando desta maneira a luz da consciência muda, ela fica perturbada, e então surge uma inteligência humana dentro do corpo humano. Isto eventualmente produz uma soberba extraordinária. Por exemplo, Einstein quando concebeu a teoria da relatividade disse: *“As leis da física são idênticas em todos os sistemas inerciais”*. Quando ele disse isto nos permitiu entender que, quando a luz vem de algum lugar, ela foi emitida segundo as próprias leis que operam aqui na Terra, por exemplo. É como que ele emitisse um decreto que vale para o Cosmos inteiro. Mas como antes não era assim que se pensava, vamos entender, de agora em diante as leis da física valem para todos os sistemas. Aí o cosmos inteiro muda, é uma soberba.

Então vem a visão quântica que diz: *“A realidade relativística não é a última, não é suficientemente profunda”*. Novamente as concepções mudam e o Cosmos inteiro muda.

Quando dizemos que o Cosmos inteiro muda, isto significa que aquilo que vemos no Cosmos agora muda. Mas não que já não estivesse visível, já estava tudo lá, mas eu não via porque sempre vejo com a luz que já atravessou o cristal das minhas concepções, dos meus sentidos físicos. Olhamos deste modo limitado. Vamos chamar de AVÍDYA a inconsciência disto.

Novamente operamos inconscientes disto. Não nos damos conta disto. Olhamos para as coisas e elas são o que são e pronto. Aquilo que eu vejo existe e o que não vejo, nem me pergunto, não pertence ao meu universo mental.

Então, dizemos que esta é a inconsciência básica que toca todos os seres, não só os seres humanos, mas os animais também operam assim. Eles vêem, cheiram, lambem, tocam e têm dificuldades. As moscas batem contra os vidros e seguem habitando num mundo onde não existem vidros. Elas batem de novo e de novo, elas não têm os mecanismos de localização dos vidros. Ainda assim batem de novo e não entendem. Se não liberarmos a mosca do vidro ela vai morrer exausta, vamos encontrá-la morta com as patinhas para cima. A mosca vive num mundo abstrato próprio, avidya, ela não vê o obstáculo.

Nós também temos obstáculos deste tipo, onde nós batemos, batemos e não vemos. Naturalmente, porque não vemos, nem comentamos. Mas, por exemplo, aspiramos à felicidade e tentamos voar em direção à felicidade imaginando que ela pode vir na dependência de fatores transitórios. E nos frustramos uma vez, duas vezes, três vezes ... No que melhoramos um pouquinho, depois da depressão, vamos tentar a mesma coisa, e é assim.

Quando encontramos os psicólogos, eles vão nos explicar como que a gente pode fazer para obter isto mesmo, eles não vão dizer: *“Não, por aí não vá porque não dá”*. Eles vão dizer: *“Eu vou te ajudar”*. Então, eles conseguem que a gente voe um pouco mais longe por mais tempo, antes de encontrarmos o tal vidro, e quando estamos perto do vidro eles vão dizer: *“Por aqui, dobre pra cá, vá pra lá que você vai escapando”*, mas por nós mesmos temos dificuldades de ver. Nós temos estes vidros, ou seja, vamos tentando.

Temos outros processos assim. Por exemplo, os cientistas acreditam que vão encontrar uma explicação para as coisas através deste método, e vão indo, indo, e não encontram, mas eles seguem. Vêm os filósofos e dizem que esta não é uma boa idéia. Então vem o Einstein e diz: *“Olha, isto pode não ser verdadeiro, mas esta crença de que isto seja possível é essencial para o cientista. O cientista para ser cientista tem que acreditar que isto é possível e pronto”*. Ele, mesmo sabendo disto, dá esta resposta, esta é uma crença que não pode faltar a um cientista, a de que eles vão obter essa explicação final. Os filósofos já foram lá, olharam, mas mesmo que eles vejam, não adianta muito (os filósofos ocidentais). Olharam e perceberam este limite. Este é um ponto interessante.

Vamos chamar de avidya esta incapacidade nossa de olhar a situação como um todo. Vocês vão ver pessoas muito alegres, muito práticas. Elas têm tudo meio resolvido, a vida é muito mais simples que a nossa ... rs. As pessoas são positivas, elas vão lá e pá, pá, pá, e resolvem, tudo muito simples. Mas este processo é um processo que a pessoa não vê, mas ela está andando em círculos, ela não vai sair daquele ponto.

Quando estamos presos a avidya nós não vemos e por isto é chamada de ignorância. O desenho correspondente a ela é o primeiro elo, e é representado por uma pessoa cega. Os doze elos são avidya, a ignorância está presente em todos. Em qualquer um deles, se a ignorância ou cegueira se abrir, pronto! Nós olhamos aquilo e está tudo resolvido.

Comecei a descrever o processo de ignorância (cegueira) associada ao sexto elo. O sexto elo é o contato, contato no mundo. Quando há contato no mundo tudo funciona alegremente, mas aquilo não é verdadeiro.

Exemplo do Relato/ objetos sensoriais e as mentes relacionadas à eles:

Outro dia eu ouvi o relato de uma pessoa única na circunstância de nascer com catarata. Ela nasceu com catarata sobre os olhos. Foram feitas muitas operações, e ela passou muito tempo, mesmo bebê, com vendas sobre os olhos. Quando ela era bebê os médicos se dividiram. Um grupo de médicos disse que ela não deveria ser operada porque ela precisaria estabelecer algum contato neste momento com a luz para ela poder associar os movimentos de luz com a atividade cerebral, com a mente dela. Mesmo que ela visse mal, tivesse a visão encoberta, ela precisaria desenvolver esta responsividade, esta habilidade. E havia outros médicos que disseram que o melhor era remover rapidamente a catarata para que ela pudesse ver melhor. Só que eles fizeram a operação, e as operações não tiveram sucesso.

Então fizeram uma, depois outra, outra e outra. Ela passou muito tempo com os olhos cobertos. Ela passou a primeira infância com os olhos quase o tempo todo cobertos, sem estimulá-los. Depois ela fez operações que corrigiram completamente o problema. Ela tem o olho perfeito só que não vê. Não tem mais nenhum problema nas terminações nervosas, não tem mais nada. Só que ela não vê porque ela não aprendeu a ver. Esta é a única pessoa de quem eu tenha ouvido falar.

É deste elemento de aprendizagem que nós precisamos. Temos que estimular o cérebro até ele começar a se dar conta dos estímulos elétricos e associar aquilo a alguma coisa. Este é um aprendizado muito complexo. Aparentemente, isto se dá na primeira idade, se isto não se passa ali, não se passa mais.

Conheci esta moça, ela é irmã da Luciana Fraga do Cebb Caminho do Meio. Ela é uma pessoa linda, com um rosto lindo. A Lu já é bonita, mas sua irmã é mais bonita ainda. É suave, encantadora, fez faculdade, ela andou mesmo com toda esta deficiência, e é uma pessoa alegre. Mas ela não vê, e não porque os olhos sigam opacos, e sim porque a mente está opaca aos olhos. Achei isto tão interessante. Isto diz respeito a que a consciência dela não aprendeu a usar os olhos.

Pergunta: Ela é cega de nascença?

Resposta: Ela seria uma cega de nascença mas não pela deficiência do aparelho visual. Ela começou com uma deficiência periférica, depois central ... (comentários dos praticantes).

Então, no budismo dizemos assim: *“Temos os olhos, os objetos visuais e a mente associada aos olhos.”* Ela, tem os olhos, os objetos visuais, mas não tem a mente associada aos olhos, aquilo não opera.

Avidya/ sexto/ sétimo / demais elos....

Com este exemplo eu estava justamente trazendo o fato de que nós criamos uma mente que vê. Este é um exemplo muito interessante, pois não é fácil nos darmos conta de que a luz que nós vemos não é luz. Mas a luz não passa dos bastonetes dentro do olho, dali em diante ela é um estímulo elétrico. Naturalmente o estímulo elétrico dentro do cérebro vai estimular minha experiência de luz, esta é a razão pela qual posso ter experiência de luz dormindo. Ou seja, estou com meu sistema central operando, livre do periférico, ele está cortado, mas aquilo está lá operando. Então nos damos conta, o que no budismo é claro: *“Não se trata de que, quando estou acordado, vejo a luz, e quando estou dormindo, crio uma luz. Eu crio a luz quando estou acordado, e crio a luz quando estou dormindo. Só que esta luz que crio quando estou acordado é uma luz na dependência de fatores externos que estimulam isto. Por exemplo, posso pensar sobre meu neto agora, mas isto eu produzo de dentro. Mas se vejo ele entrar pela porta ... isto é diferente. Mesmo sem ele entrar pela porta também posso acessar. Agora, quando ele entra pela porta, o estímulo externo faz acessar aquilo porque posso, por exemplo, ver um outro menino que não seja ele. E digo: “Leonardo”, e digo: “não, não é”. Mas eu primeiro vi. Então o estímulo sensorial aciona a estrutura que tenho, a luz toda brota desta forma.* Vemos, então, este fenômeno extraordinário. Mas quando estamos com uma visão mais comum da realidade, nada disto vemos.

O que vemos quando estamos com a visão comum da realidade? Não vemos a operação cognitiva, não vemos as limitações dos sentidos, não vemos o que não vemos ...

Wittgenstein dizia: *“Aquilo que não pode ser visto, não pode ser negado.”* Acho isto de grande profundidade. Por exemplo, meu universo cultural não me permite entender o xamanismo, mas isto não quer dizer que o xamanismo seja uma fraude. No meu universo mental não há nenhuma “caixinha” que eu possa identificar para entender aquilo. Wittgenstein dizia que só podemos negar aquilo que possui uma “caixinha” que nos permita afirmar.

Eu testo na “caixinha” que me permite afirmar. Se não couber, então eu nego. Se não tenho nem caixas de afirmação nem de negação, não tenho esta possibilidade, então não posso negar. Só posso negar se eu tiver um mecanismo de validação e de teste, pois se não consigo nem conceber, não tenho um mecanismo nem de teste nem de validação, só tenho uma impossibilidade de compreensão. Acho isto uma grande abertura para a filosofia ocidental.

Wittgenstein é considerado o maior filósofo do ocidente, falecido. Ele trouxe esta pérola que permite que nos libertemos de nós mesmos. E nos permite um argumento lógico para ultrapassarmos e nos permitirmos entrar em regiões onde nosso universo mental não permitiria. Isto é muito útil. Nos diálogos sobre culturas, é essencial que tenhamos, no mínimo, isto.

A ausência disto também é chamada de avidya, ignorância, cegueira. Por exemplo, o presidente Bush imagina que todos os seres devem ser cowboys texanos. Está é a figura do bem, cowboy do bem. É um problema, pois as pessoas podem ter outras idéias. Então, seres assim podem precisar três, quatro, cinco anos, dez anos de guerra para poder se dar conta de que as culturas são diferentes. Nós temos que respeitar as pessoas nas várias culturas. Todos temos idéias, mas neste contexto, as idéias americanas são as melhores. Então vamos exportar isto para todos os lugares. Os outros podem achar que isto não é uma boa idéia, mas eles serão considerados do mal. Esta é uma visão muito estreita. Mas quando a pessoa opera dentro disto parece que ela está completamente correta. E nós também fazemos isto, temos esta limitação.

Acho que todos os presidentes deveriam estudar filosofia. Deveria haver um currículo mínimo, nem que se fizesse um cursinho às pressas, do tipo seis meses, bem rápido, para abrir um pouco os horizontes.

Quando olhamos isto, ficamos mais equipados para entender a nossa operação no mundo. De modo geral, as pessoas não percebem nada disto. Elas têm até mesmo dificuldades para olhar para o processo pelo qual elas pensam.

Como eu estava explicando aqui, precisamos ter a tranquilidade e a habilidade para podermos olhar para dentro, caso contrário nunca vamos ver isto. E as pessoas não estão habilitadas para olhar para dentro.

Outro dia morreu uma pessoa que tinha sido um amigo. Às vezes, quando as pessoas morrem, os amigos amadurecem, e eu tive a esperança ... Conheci uma das filhas dele e pensei: *“Ela pode, neste momento, se tornar mais sensível pela dor”*, mas as pessoas também produzem todos os tipos de defesa. Olhei, e não havia possibilidade, ela não pensou em nada mais profundo, ela só olhou a superfície. Ela vai passar pelo meio da dor e não tem nem como tocá-la. Me vi completamente impotente, não havia nada que eu pudesse falar que ela pudesse ouvir, aproveitar um pouco. Então, a pessoa vive acelerada e vai seguir acelerada.

Se nós não pararmos um pouquinho e olharmos para dentro, não veremos coisa alguma. Precisamos deste método de parar. Por isto que é muito importante, independente do que façamos, praticarmos a meditação em silêncio. Pelo menos baixamos a rotação. Vejam, quando voamos de Porto Alegre a Recife, e de Recife a Porto Alegre, tudo passa muito rápido, não vemos nada. Quando se vem a pé vemos muitas coisas, pode levar seis meses para chegar, mas vamos ver muita coisa. Se viermos de carro levamos uma semana, veremos menos coisas do que se viéssemos a pé, mas ainda assim veremos muito mais do que se viéssemos de avião.

A velocidade com que andamos parece melhorar nossas aptidões, mas ela, eventualmente, produz uma cegueira natural. Passamos acelerados pelas coisas e não as vemos. Com nossos processos mentais todos acelerados, operando rápido, nunca olhamos para eles, nunca vemos as bases, nunca vemos as estruturas, não vemos nada. Portanto, ficamos viciados naquele procedimento sem chances. Obstaculizamos nossas próprias consciências. E assim, não entendendo nada disto, nós experimentamos sensorialmente o mundo, e aí vem o sétimo elo.

O sétimo elo brota como se fosse uma grande inteligência. Olhamos para as coisas e dizemos: *“Eu gosto!!!”* Olhamos para outra e dizemos: *“Não gosto!!”*

Parece uma inteligência fulminante, uma luz interna que brota em nós quando dizemos: *daquilo eu gosto, daquilo não gosto*. Limitamos todo este quadro profundo, limitamos em duas categorias, tico e teço. Ou seja, gosto ou não gosto. São apenas dois neurônios e todas as experiências estão resolvidas.

Na verdade, ainda há uma terceira experiência, que os meditantes localizam, que é a indiferença, ou seja, para aquilo que a gente vê, dizemos gosto ou não gosto, mas temos a indiferença que nos impede de ver noventa e cinco por cento das coisas. Situação grave.

Nossos olhos se estreitam. Dentro de tudo que pode ser visto com os olhos, cheirado com o nariz, provado com a língua, tocado com as mãos e pensado, noventa e cinco, noventa e nove por cento é indiferença. Um por cento eu vejo, e este, eu gosto, ou não gosto.

Imaginem, caminhamos de casa para o trabalho e talvez não lembremos de um rosto, e passamos por um mar de gente. Olhando o jornal, por exemplo, somos seletivos, e dentro do que selecionamos, nós gostamos ou não gostamos. Isto tem um potencial de escuridão mental enorme. Vemos muito menos ainda.

Se já estava limitado aos órgãos dos sentidos e às cognições, agora estreitamos ainda mais. Eu até diria que é como se fosse uma etapa de adolescência.

Temos um nascimento, e como bebês, talvez tivéssemos olhos mais abertos. Mas quando adolescentes chegará um momento em que vamos dizer que já conhecemos a vida: *eu sei o que é bom e o que não é bom*. E pensamos: *com este instrumento vou em frente*, e então brota uma grande lucidez

interna que é o oitavo elo. Então pensamos: *aquilo que eu gosto eu quero e o que não gosto não quero*, parece decisão de independência.

Existe uma etapa em que os pais conseguem que os filhos comam de tudo: banana, iogurte, rúcula, e aquilo vai andando. Fazem uma papinha, põem lá dentro de tudo e batem no liquidificador, e eles comem, mas chega uma hora em que não há mais jeito, pois eles sabem muito bem o que eles gostam e não gostam. Estão ficando maiorzinhos, situação grave! Vão experimentando a partir do que eles gostam e do que não gostam, de vez em quando eles têm uma surpresa, todos nós temos surpresas, porque das regiões nas quais não vemos nada, brota alguma coisa a nossa frente, e dizemos: “*Pah! Como é que não vi aquilo?*”

Então, a região de indiferença é uma região riquíssima. Para os adolescentes podemos até mesmo dizer: “*Você se dê conta de que seu próximo namorado está na região de indiferença, ou, quem sabe, a sua esposa está na região de indiferença.*” E assim, pode ser que ele abra mais os olhos. Porque é assim, se ainda não apareceu é porque está em algum lugar, mas se não estou vendo é porque está na região de indiferença, ela existe. Todos os seus novos amigos, neste momento estão na região de indiferença. Ela está lá, então é uma boa que você abra os olhos, a região de indiferença é riquíssima, imagina quantas meninas estão nesta região, olhe isto!

Tomamos decisões, temos apego de um tipo e temos rejeições de outro tipo. Aquilo está claro, aquilo é a nossa vida, não nos damos bem conta de que o mundo é muito mais amplo, em toda esta região de indiferença pelo menos.

Mas tomamos decisões em função dos apegos e das rejeições que nós temos, isto é o oitavo elo, o apego. O sétimo elo é o gostar ou não gostar e a indiferença. O sexto elo é o contato sensorial.

O oitavo elo dá origem ao nono elo, que são os frutos que vamos colher, os resultados, ou seja, nós temos as filtragens estabelecidas, os critérios todos de filtragem. Em função deste critério, vamos semear e colher os frutos o tempo todo. Este é o nono elo.

O nono elo é simbolizado por uma pessoa colhendo frutos numa árvore. Nós vamos colher muitos frutos, que são os frutos do nosso apego. Isto não quer dizer que o mundo seja assim, mas nós pegamos por uma fresta. Nossa consciência está operando como uma luzinha estreita, um raiozinho. Aquela consciência que é ampla, passando pelo cristal tem um faixozinho agora com uma certa cor. Estamos olhando tudo com aquela cor naquela direção e, então, aprendemos a obter estes resultados.

Quando aprendemos a obter estes resultados, os pais ficam felizes, e dizem: “*Filho, você já sabe andar no mundo*”. Então a própria pessoa tem a sensação de que sabe se mover. “*Eu gosto disto, não gosto daquilo e sei como obter o que eu gosto e evitar o que não gosto, aprendi. Estou equipado para a vida.*”

Quando a pessoa diz isto ela se acha. Achar-se é o décimo elo. Há um momento em que a pessoa se vê independente, este é o décimo elo, o nascimento. Na verdade é a concepção. No budismo é um nascimento no ventre, isto porque é distinguido do décimo primeiro elo.

È um nascimento no ventre porque a pessoa sabe tudo, ela pensa que está pronta, mas ela ainda não está no mundo fazendo aquilo, ela não testou, só está achando, por enquanto. Desenvolve uma auto-consciência disto. Por exemplo, a pessoa ganhou o diploma, mas ainda não começou a trabalhar, ela tem uma profissão, mas ainda não está empregada. Não está funcionando ainda, mas ela diz: “*Eu sou tal coisa ...*” Então, a pessoa, em função da experiência anterior chega àquele ponto, mas este ponto ainda é muito inicial.

Aí vem o décimo primeiro elo. Neste elo, a pessoa que começou com a consciência se filtrando por dentro do corpo, neste momento ela construiu todas estas realidades e ela está na condição de exercer suas escolhas em meio ao mundo de relação. Quando ela vai exercer suas escolhas em meio ao mundo de relação, isto não pára mais, e daqui em diante ela segue para o resto de sua vida. Mas ela pensa que tem uma visão abrangente, que entende tudo, mas na verdade ela tem uma visão estreita. E, se alguém disser que ela tem uma visão estreita, a pessoa não entende o que o outro está dizendo porque ela pensa que tem uma visão ampla.

Dentro daquela vida, segundo estes limites, a pessoa segue e progressivamente vai desgastando sua energia vital. Ela busca a felicidade seguindo aquela fórmula: *“Eu gosto disto, não gosto daquilo”*, mas isto nunca produz uma felicidade final, um estado estável, nem uma condição estável. Mas ela tenta e vai trocando e vai tentando e a energia vital dela vai diminuindo. Chega um certo momento em que ela pensa: *“Não sou mais jovem”*, mas ela segue fazendo isto. Não há mais nada para fazer, faz aquilo mesmo. Eventualmente ela amplia, põe ajudantes, pega um empréstimo no Banco do Brasil, paga em cinco anos, aumenta tudo, acelera. Não vai obter nada.

Se vocês observarem as grandes empresas, olhem a Varig, muitos aviões, muitas rotas e muito sofrimento. Olhem a Schin, muita gente, muitos empregados, milhões de litros de cerveja e um grave problema. Olhem a Ambeve, uma união das cervejarias nacionais, super multinacional e três bilhões estão sendo cobrados de impostos indevidamente recolhidos, uma conta. Quando vão me cobrar em minha casa, cobram vinte mil, cinco mil, vinte reais, trinta reais, da Ambeve cobram três bilhões. Os problemas são progressivamente maiores, quanto maior a “coisa”.

Observem a nação inteira americana, tem mais de um trilhão em dívidas, a nossa dívida brasileira está em seiscentos bilhões, é um bom número.

De acordo com o tamanho, os problemas seguem e se ampliam. Mesmo que façam algo maior e vão agregando, os problemas se ampliam. Isto não quer dizer que devido ao tamanho alguém consiga escapar da experiência cíclica, estão todos dentro da experiência cíclica. As grandes empresas surgem, vivem por um tempo, entram em decrepitude e morrem.

Em todas estas dimensões está a experiência cíclica ocorrendo. Todas elas tiveram nascimento no décimo elo, testaram no nono elo, desenvolveram apego no oitavo elo, desenvolveram testes do que gostam ou não no sétimo elo, desenvolveram visões extraordinárias no sexto e este processo segue.

Não vamos dizer que nós temos problemas, mas vamos dizer que todos os seres e organizações separados que operam dentro dos doze elos vão enfrentar o décimo segundo elo num certo momento. Neste ponto, para não tornar isto muito pesado, imagino que vocês queiram saber como é que enfim, se sai disto.

Não explicarei como é que sai, mas explico como é possível sair. Isto já fica de bom tamanho. Prometo até o dia 3 de julho explicar isto. Este é o teor dos ensinamentos budistas, como sair da experiência cíclica.

O nosso processo será através das Quatro Nobres Verdades, o Nobre Caminho Óctuplo, vamos seguindo isto, este é o nosso processo.

Estou agora aprofundando a Segunda Nobre Verdade, as causas do sofrimento. E quando começamos a examinar as causas do sofrimento vemos que este problema é complexo, difícil, ele desafia o engenho humano, não é fácil furar esta barreira. Se fosse fácil muita gente já teria cruzado, mas assim entendemos quando olhamos, por exemplo, os Quatro Pensamentos que Transformam a Mente, o primeiro ensinamento diz respeito à linhagem, ao fato de que muitos seres continuamente se dedicam a nos ajudar, é importante sabermos isto.

Nós estamos aqui hoje porque há estes seres que sustentam os ensinamentos que são esta porta de saída, mas não é fácil. Vejam como já é difícil vocês sentarem e acompanharem, e ficarem pensando sobre isto. Se não desenraizarmos isto tudo, como faremos para sair? Vamos seguir na visão estreita que parece natural e boa.

Este é o décimo primeiro elo, seguido pelo décimo segundo. O décimo segundo é quando tudo isto desaba, não há como evitar este desabar.

Gosto de olhar para as grandes empresas e grandes nações. Por exemplo, o Tibet existiu como nação e terminou como nação. Taiwan talvez vá desaparecer como nação. A noção de grande China vai absorvendo isto, numa época abarcou a Coréia também. É assim: aquilo vem, e aquilo cessa.

Se sairmos do âmbito das nações nós podemos entrar no âmbito das grandes empresas, veremos grandes empresas que surgiram e que cessaram. Por todo lado vamos encontrar isto. Só a história dos bancos no Brasil, vocês verão um banco comprando o outro, se fundindo, desaparecendo; muitos assim.

Se olharmos, por exemplo, o âmbito das visões acadêmicas, também as visões surgem, ficam por um tempo e cessam. Das visões filosóficas, a mesma coisa. No âmbito das religiões: surgem, existem por um tempo e cessam.

Linhagem Dzogchen

Lembremos, os gregos acreditavam em Zeus. Regiam suas vidas a partir do oráculo de Delfos, de Apolo. Eles tinham muitas formas de compreensão, e, hoje, estas formas de compreensão, ainda que possam ser lembradas, não existem mais como formas ativas. As religiões cessam, desaparecem.

Todas estas construções pertencem à Roda da Vida, existem por um tempo e cessam. É previsível que o budismo também cesse, ele está na dependência da condição humana. Ele existe como um remédio, cessando os seres humanos ou cessando as condições históricas que permitem a sustentação dos ensinamentos, eles desaparecem porque também são uma construção artificial, ainda que seja do bem, para ajudar.

Mas dizemos: há a religião natural. Algumas tradições religiosas se colocam como tal. Eu colocaria assim: a tradição natural é o Dzogchen. Esta tradição existe dentro do budismo.

A tradição natural seria ver a natureza ilimitada tal como ela é e só. O budismo oferece um caminho gradual para eu chegar no ponto de poder ver, mas depois que eu vejo, não preciso mais do caminho gradual, já posso ver.

A religião natural não é o budismo, é a natural lucidez. Ela sempre estará disponível não importando a condição. No Dzogchen se diz: este ensinamento existe em treze sistemas universais. Quando olhamos o nosso cosmo, ele é um sistema universal. Esse cosmo como nós concebemos depende de nossos olhos, não conseguimos ver outros, porque a gente só pode ver o que pode ver. Mas na visão Dzogchen se diz que existem treze visões universais com suas leis e formas próprias e todas elas são artificiais. Em todas elas o ensinamento máximo é o ensinamento que vê as coisas como são. A lucidez que vê as coisas como elas são, este é o ensinamento Dzogchen.

Nas visões mais elevadas do budismo se diz que o budismo encontrou o Dzogchen. O Buda manifestou isto. Mas estes ensinamentos não têm uma origem apenas no Buda Shakyamuni.

Na história do budismo tibetano o Dzogchen surge dentro da Tradição Bön, através de Tönpa Shenpa. E surge dentro da tradição budista através de Garab Dorje.

Então há estas origens históricas diferentes que se fundem ao ensinamento que vem do Buda Shakyamuni e se manifesta naturalmente como um ensinamento de lucidez completa. Mas esta ênfase na lucidez, clareza, vem do Dzogchen propriamente, é o ponto culminante de todo o ensinamento budista.

Com isto, expliquei os elos, do sexto ao décimo segundo e falei rapidamente sobre a liberdade para não ficarmos tão pesados.

É possível a liberação. Estes ensinamentos existem em vários níveis, mas agora vou retomar a tragédia, seguiremos mais adiante no nosso propósito.

Os seis reinos

Teria de explicar a seguir o seguinte: do mesmo modo que, por exemplo, nós seres humanos chegamos ao décimo elo e dizemos: *“Eu sou isto, eu entendo o mundo, e o mundo é assim”* ... É como um adolescente ...

A chegada a este ponto pode se dar em seis níveis :

1- No reino dos infernos:

Através da experiência que tive antes posso dizer: *“O mundo é perigosíssimo, os seres são todos agressivos, a guerra está incessantemente presente, as pessoas se matam umas às outras o tempo todo, o mundo é um lugar muito perigoso. Entre os seres perigosos o mais perigoso ainda é o ser humano, você não confie nos outros, pois olhe assim: as pessoas casaram, tiraram fotografias e viraram inimigos, as pessoas tiveram assessores, secretárias e agora está uma secretária denunciando tudo. As pessoas tiveram sócios, eles se separaram e agora são inimigos mortais. Os seres humanos são perigosíssimos, este é o mundo, meu filho, acorde.”*

Então, pode ser que exista um pai que nos introduza a isto. Que nos dá iniciação ao reino dos infernos, onde não vamos acreditar em ninguém, vamos ter medo o tempo todo.

Enquanto digo isto, pode ser que a gente até ache razoável, então a pessoa começa ver o mundo deste modo, mas este não é o modo budista de olhar.

Agora, pode ser que venha um outro pai e diga assim:

2- No reino dos fantasmas famintos:

“Meu filho, nós somos muito frágeis, somos muito dependentes, muito carentes, muito impotentes ...” E dá conselhos de como conseguir de forma espúria as coisas, de como nunca fazer as coisas de forma clara, mas tentar obter de forma incorreta, imprópria. Ele nos introduz um mundo onde nós vamos agir sempre como seres carentes incapazes de construir uma realidade positiva à nossa frente, sempre dependentes e predadores.

3- No reino dos animais:

Agora, pode ser que venha um outro pai que talvez nem fale sobre isto mas simplesmente manifeste desinteresse o tempo todo, e ensine pelo exemplo dele de desinteresse o tempo todo. Por exemplo: pode ser um misto por estes mundos (reinos), onde ele é carente porque ele bebe, porque ele se droga ou porque ele gasta mais do que devia. Mas existem seres que são carentes porque não fazem nada, porque não tem energia para fazer, não tem vontade; tudo que eles sonham é com uma almofada, com alguém que resolva os problemas deles, sonham que eles vão fazer uma cara bonita e terão a sorte de que virá alguém e vai cuidar deles.

Isto é perigosíssimo porque a pessoa pode nascer com quatro patas e um rabo, duas guampas, e vai ter sempre alguém cuidando, até um momento delicado que possa surgir.

Este âmbito da incapacidade, da dependência e da inércia, é muito perigoso porque, se surgir alguém, esta pessoa vai terminar abusando, vai passar uma corda no pescoço e diz: *“Venha por aqui ...”*, quando vê está numa fila, o da frente levou uma martelada na cabeça, já está pendurado num gancho.

A nossa conexão pode ser com esta obtusidade mental, este desinteresse, como se nós tivéssemos o gostamos, ou não gostamos e a indiferença, mas neste caso a indiferença é muito grande. A indiferença vira ideologia: o que eu quero é não precisar ficar atento, é fechar os olhos e pronto. Nós podemos também ser introduzidos a isto.

4- No reino humano:

Também podemos ser introduzidos ao âmbito humano propriamente dito. Vem nosso pai e diz: *“Você tem que trabalhar, tem que ganhar o seu próprio dinheiro. Não consigo mais sustentar você, se vire. Eu, quando cheguei na sua idade já estava trabalhando, agora é sua vez, se mova, e pense que mais adiante vai ter que morar sozinho, vai ter que ter a sua casa, e pense que você vai casar e ter filhos e precisará sustentar sua esposa e filhos. Ou você vai precisar sustentar seu marido e filhos, porque agora modernamente é assim, sustentar o marido que vai ler jornal, não vai precisar trabalhar. Você vai ter que aprender a se virar, tem que comprar um apartamento, é bom que você já veja e entre num financiamento de dez ou quinze anos; compra em prestações seu fogão, a cama de casal, não precisa ter marido ainda, e quando for o caso já estará tudo pronto ...”*

No passado era assim, a pessoa já começava a bordar os lençóis, as toalhas; e tinham o enxoval pronto e maravilhoso, faltava o marido, mas isto era o detalhe. Mas tem a sua beleza.

E a pessoa vai construindo sua vida deste modo. E quando vem o fim-de-semana ela visita os pais, eventualmente convida os amigos, parentes, os irmãos se juntam e comem churrasco, peixada ... e assim eles vão indo. Depois voltam a trabalhar na segunda-feira. Eles conversam sobre quando virá um aumento, sobre o imposto de renda, a alíquota que aumentou, onde é que compramos pneus mais barato, onde é que manda consertar o carro mais barato, comentam que agora tem um celular que é melhor ... e vai indo assim, a vida vai seguindo ... (existe este mundo).

5- No reino dos semi-deuses:

Existem outros seres que os pais dizem assim: *“Meu filho, você não nasceu para ser um ser comum! Você é um vitorioso! Você nasceu para vencer!!! Faça como o papai!”*

E o papai já está lá estressado. *“Nada menos do que isto meu filho, você vai fazer isto e tem que ser melhor do que todos”*, e põe um horizonte lá em cima: *“Não menos do que isto”*. A pessoa desenvolve uma visão competitiva, ela vai lutar, ela vai ter que chegar lá, vai ter de avançar.

6- No reino dos deuses:

Existem outros que, quando o filho está numa certa idade, dão um violão e começam a tocar, depois dão uma guitarra, dão uma flauta. E de uma forma lúdica, a pessoa aprende a como encantar os outros, a como ser feliz e produzir felicidade para os outros. Ele pode virar um feliz profissional. A função dele é esta, ele vai cantar por muitos lugares, vai animar os bailes, vai trazer felicidade, aonde ele chegar vai contar muitas piadas, muitas coisas engraçadas. Quando vocês olham os bastidores, verão ele cansados, exaustos. Mas de repente diz ali *“vai entrar João Lisboa”* e ele começa a tocar e todos ficam alegres. Mas ele está cansado.

É uma forma boa de viver mas não produz felicidade estável. No dia seguinte ele está olhando desesperadamente os jornais para ver se apareceu algum contrato, alguma coisa para a excursão. Ele precisa de alguém que vá promover, precisa de várias coisas. Ele virou uma estrela, mas isto dá muito trabalho. Ele está dentro de um ambiente que é muito difícil.

De vez em quando as estrelas suicidam-se, elas fogem, se drogam, pois eles também precisam de tempo para pensar sobre seus problemas, ficam deprimidos, mal... , têm que manter a profissão. Então, para manter o brilho e pensar sobre seus problemas eles tomam um “brilho químico”. Daqui a pouco o brilho deles é só químico.

Vocês vão ver esta tragédia para os seres felizes, seres que aprenderam onde é que se aperta os botões que produzem a felicidade nos outros e neles mesmos, é felicidade sob condições, você *“aperta os botões e aquilo está ali”*, tirou o dedo: Oh! o problema é igual de novo. E isto tem ciclos.

Não quero assustar vocês mas a imagem mais aflitiva que tive disto foi um documentário sobre os atores que um dia tiveram sucesso em Hollywood, mas foram esquecidos e também envelheceram. Eles fizeram um encontro dos esquecidos, todos vestidos dos papéis que um dia foram papéis de

sucesso. Mas eles são caricaturas do que um dia eles foram, e estão todos juntos. Pagavam-se dez dólares e se poderia tirar uma foto com eles. Estão mal economicamente também. Eles se juntam porque sozinhos não haveria nenhuma cobertura, ninguém filmaria eles, e ainda algum tremor eles produzem, “estavam num museu onde envelheciam”.

Este é o reino dos deuses, eles vivem, tem um máximo e tem um fim.

Com isto estou dizendo que nenhum deste seis reinos é solução, ainda que possa parecer.

Quando olhamos assim, eu surjo por dentro do meu corpo; aí aspiro a coisas que gosto e não gosto; gero o apego; produzo frutos a partir do apego; surjo como aquele que é hábil em produzir os frutos de acordo como o apego. Posso, por exemplo, usar minha raiva para produzir resultados, posso usar minha carência para obter resultados, posso usar minha inércia, meu corpo mole para obter resultados, posso usar meu planejamento para obter resultados, posso usar meu espírito de competição, posso usar minha capacidade de alegrar os outros para obter resultados. Claro que é preferível a capacidade de alegrar os outros, é preferível o planejamento, mesmo a competição (chamamos isto de reinos superiores), é considerado melhor do que os reinos inferiores.

A capacidade de alegrar e produzir coisas felizes para os outros, como um método, é considerado melhor, é considerado reino superior porque consigo dirigir minha vida, consigo dar um direcionamento (se eu entender para onde me direcionar). Por exemplo, os seres humanos já têm a capacidade de se direcionar, eles direcionam para o churrasco de fim de semana, para sonegar o imposto de renda, etc. Para algo eles estão se direcionando, se articulam e vão fazendo isto.

Os seres competitivos se articulam, fazem sacrifícios e obtêm resultados.

Os seres felizes que utilizam estas conexões de felicidade também sabem dirigir, são inteligentes, capazes e hábeis.

Agora, nos reinos inferiores os seres de inércia, eles precisam de alguém que faça por eles. Enquanto tiver uma mãe, ou uma esposa que faça tudo bem, se não eles começam a emagrecer, começam a passar mal. Estão na dependência do outro.

Os seres que são carentes já têm a ideologia da dependência, de que não podem nada. Estão completamente na dependência, são capazes de comer excrementos dos outros, estão num âmbito muito infeliz.

Os seres dos infernos fazem tudo errado. Eles querem melhorar, mas eles agridem todos. São perigosíssimos. As pessoas, só de saber que há um ser dos infernos por lá, já fazem a volta e saem. Eles fazem esforços e aparecem no meio dos sonhos das pessoas, elas acham que tiveram um sonho horrível e fazem qualquer coisa para não ter mais. As pessoas não querem que eles apareçam nem em sonho, muito menos em realidade. Eles são profundamente hostilizados e excluídos, os outros querem bloquear aquilo, que não apareçam. Muito difícil surgir alguém, um praticante, enrolado num manto, com uma bengala, andando pelo mundo, que olhe para eles e diga: *“Você tem a natureza de Buda, você tem a liberdade dentro, você tem luminosidade infinita dentro, você está além de vida e morte.”*

Muito difícil, porque quando olhamos uns aos outros nestes âmbitos, nada disto nos vêem à mente. Brotam medos, orgulhos, invejas, apegos, desejos, ações não-virtuosas de fala, brotam todos os tipos de incompreensão, mas nunca brota lucidez de vermos a natureza que o outro também não vê.

Estes são os seis reinos. Quando nós surgimos a partir da ignorância, nós surgimos em seis reinos, com emoções perturbadoras específicas. No reino dos seres que trabalham com felicidade, a emoção perturbadora é o orgulho. Nos seres competitivos é a inveja. Nos seres humanos, é o desejo e apego. Nos animais, a ignorância, moha, a inércia, desinteresse. Para os seres famintos, carência intensa. Para os seres dos infernos, raiva, rancor, ódio, medo. Dentro do reino humano estas seis representações estão presentes. Então nos vemos oscilando por dentro disto.

Nenhum destes reinos produz saída. Só há saída através da lucidez. Por mais que eu pegue a sabedoria de um desses reinos, maximize, aumente, peça apoio, faça aquilo crescer verdadeiramente,

todas as idéias que estes seres têm dentro para melhorar a situação deles não produz nada a não ser experiência cíclica, eles não conseguem sair daquilo.

É necessário que venha alguém e diga: *“Ultrapasse a ignorância, veja o brilho original e não o brilho que surgiu sob condições, olhe o brilho original”*.

Agora, de que adianta dizermos isto? As pessoas não vão olhar. Elas precisam de um caminho gradual para chegar até o ponto onde a gente diz: *“Olhe agora”*, então a pessoa olha e vê.

Este caminho começa com a Cultura de Paz. Para quem chega é necessária a cultura de paz. Para quem segue pelo caminho, a cultura de paz é seu modo natural de seguir.

Quando estamos dominados pelas seis emoções perturbadoras temos dez impulsos de ações não-virtuosas que vão produzir complicações. E nossa vida se complica verdadeiramente. É sobre isto que vamos falar amanhã. Se vocês quiserem pular o capítulo do sofrimento maior, pulem o dia de amanhã. Vamos estudar como que esta ignorância a partir das seis emoções perturbadoras vai produzir as nossas ações no mundo, e como que estas ações no mundo vão produzir os carmas, e como que estes carmas, mesmo que tenhamos esquecido as ações, seguem vivos e atuando. Como que podemos reconhecê-los atuando e, enfim, vou falar sobre como desenraizá-los, bem no fim, porque precisamos entender em detalhes como que tudo isto se construiu.

Enquanto estou explicando tudo isto para vocês, estou dentro de uma série de ensinamentos que estou gravando e pretendo deixar aqui, de maneira que vocês possam estudar isto, ter tudo descrito, se surgir alguém que queira transcrever, também pode.

E pode virar texto, os outros podem ler e estará tudo organizado. Por isto estou falando em caixinhas, tudo encaixotado (agora estou falando sobre tais coisas), dentro de uma sequência. E com estas caixinhas, descrições, podemos trabalhar este nível de visão. Depois vamos transformar isto que é visão em meditação, vamos desenraizar pedacinho por pedacinho. Estes pedacinhos estão todos operando, precisamos entrar em um deles e desenraizar; entrar no outro, ver e desenraizar ... Nós vamos desenvolver atividades nos grupos, que já estão ocorrendo, são atividades onde nós vamos aprofundando a prática, e as práticas de meditação e de estudo. Este é um caminho gradual, passo a passo vamos elucidando, clareando tudo.

Vocês têm alguma pergunta, algum protesto, alguma colocação?

Queria também aproveitar esta oportunidade para dizer deste encontro no Sul, que vai haver entre 21 e 31 de julho. Neste momento vamos reunir em torno de 80 ou 90 pessoas que estão listadas. Acredito que não vão todos, mas estou querendo construir ou constituir uma equipe de facilitadores para a formação de outros facilitadores em Cultura de Paz.

Estamos avançando na constituição deste currículo e estamos no ponto de ouvir as contribuições das várias pessoas, queria muito ouvir vocês. Se for possível conversamos aqui em Recife nestes dias em que estou aqui. Gostaria de convidar também alguém do Coque, que pudesse ir para o Sul para que pudéssemos aproveitar as experiências e também ajudar dentro desta linha de reflexão. Como podemos construir um processo didático, um processo de educação que nos conduza para dentro da estruturação da Cultura de Paz.